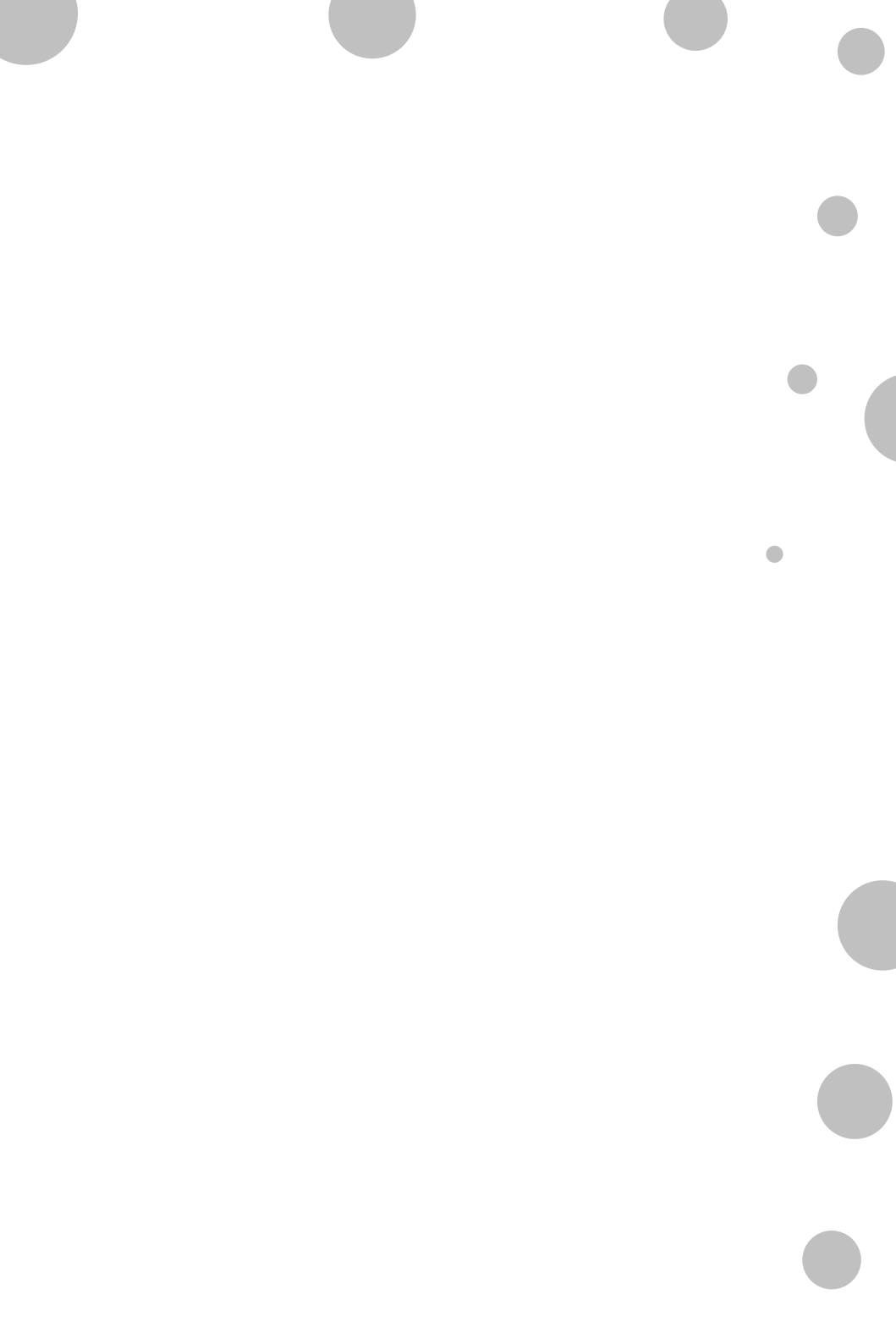




sexualidades
INSUBMISAS



PPG
H
Unimontes



sexualidades INSUBMISSAS

Contribuições
aos
estudos
feministas
e
queer

Cláudia Maia
e
Gustavo Ramos
(organização)

Uberlândia - MG

2022

SEXO da
PALAVRA

Edição © O Sexo da Palavra - Projetos Editoriais. 2022

Curador: Fábio Figueiredo Camargo

Projeto gráfico: Antonio K.valo

Estágio: Barbara Caetano

Revisão: Brenda Kimberly Souza Gomes

Catálogo na Publicação - CIP

S518 Sexualidades insubmissas: contribuições aos estudos feministas e queer / Cláudia Maia e Gustavo Ramos (organização) . – Uberlândia: O Sexo da Palavra, 2022. 285 p. : il. color.

ISBN 978-65-88010-31-0.
Inclui bibliografia.

1. Identidade de gênero - História. 2. Subjetividade. 3. Feminismo.
4. Queer. I. Maia, Cláudia, org. II. Ramos, Gustavo, org. III. Título.

CDD: 306.768
CDU 305.5(091)

Elaborada por Gizele Cristine Nunes do Couto – CRB6-2091

CONSELHO EDITORIAL

Alex Fabiano Jardim
Ana Maria Colling
André Luis Mitidieri
Andréa Sirihal Werkema
Antonio Fernandes Jr.
Cláudia Maia
Cleudemar Fernandes
Davi Pinho
Djalma Thurler
Eliane Robert Moraes
Eneida Maria de Souza
Emerson Inácio
Flávia Teixeira
Flávio Pereira Camargo
Joana Muylaert
Larissa Pelúcio
Leandro Colling
Leonardo Mendes

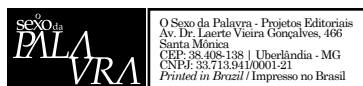
Luciana Borges
Luiz Morando
Maria Elisa Moreira
Mário César Lugarinho
Nádia Batella Gotlib
Patrícia Goulart Tondinelli
Paulo César Garcia
Renata Pimentel
Ricardo Alves dos Santos
Telma Borges
Vinícius Lopes Passos

CURADORIA

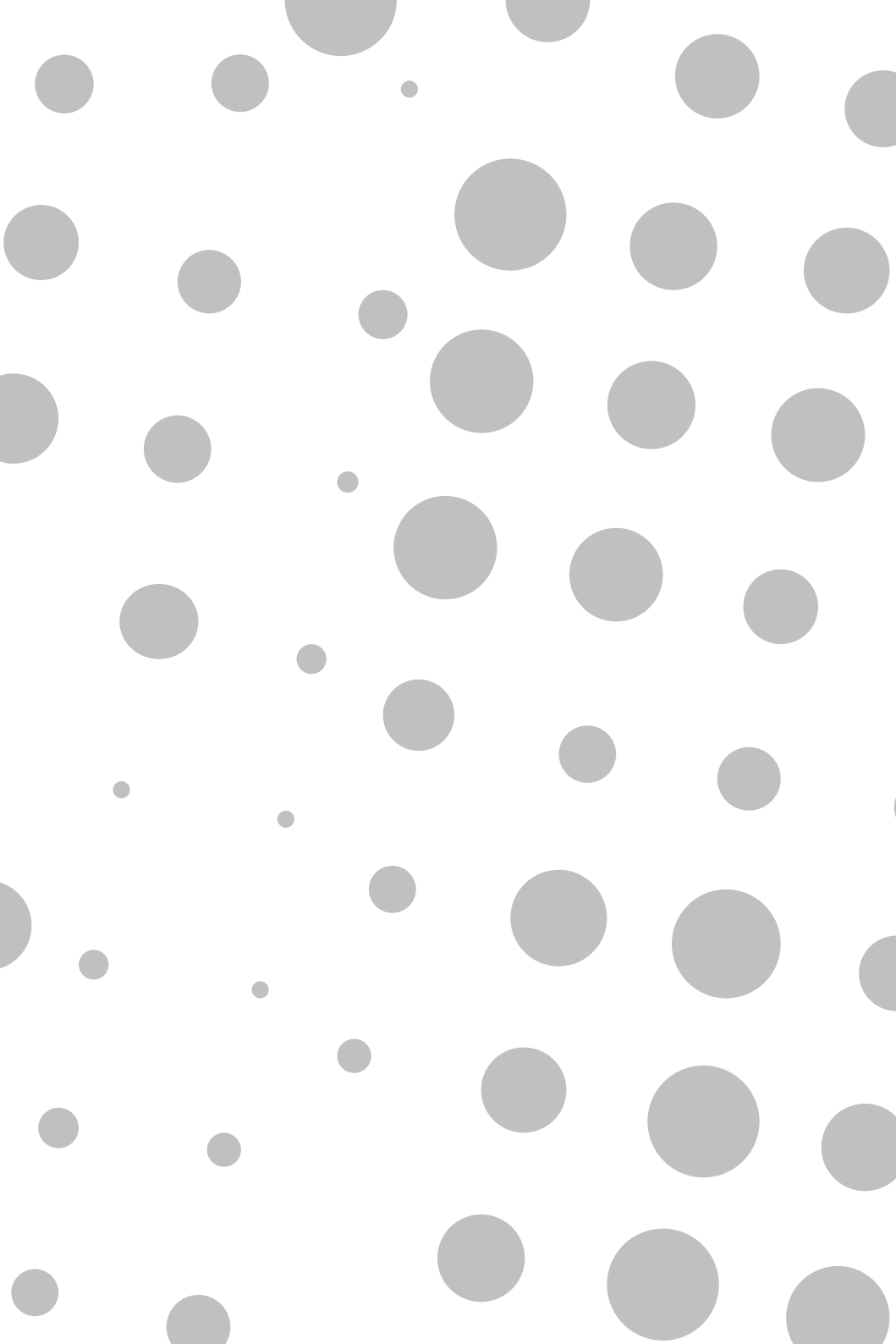
Fábio Figueiredo Camargo
Leonardo Francisco Soares
Ivan Marcos Ribeiro

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19 de fevereiro de 1998. É proibida a reprodução total ou parcial sem a expressa anuência da editora.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, em vigor no Brasil desde 1º de janeiro de 2009.



www.osexodapalavra.com



Sumário

-
- Apresentação* 09
Cláudia Maia
Gustavo Ramos
-
- Drag king made in Brazil* 19
Patrícia Lessa
-
- Vida de Rainha:
flagrantes de corpos que importam* 39
Fábio Figueiredo Camargo
-
- Feminilidades e masculinidades trans:
narrativas de mulheres e homens alfenenses sobre
dispositivos de poder e subversões subjetivas* 61
Marta Gouveia de Oliveira Rovai
-
- Eu sou uma trans e eu vou me vestir de mulher: memórias,
gênero e corporeidade Trans em Manaus / AM* 95
Michele Pires Lima
-
- Dos dispositivos de controle da sexualidade das mulheres em
Toda Nudez Será Castigada (1973)* 125
Fabiana Oliveira Leite
Cláudia Maia
-

SEX, de Madonna: 147
uma pequena história da epidemia de aids

Gustavo Ramos

Terrorismo de gênero: 173
um plano de composição potente

Paul Jardim Martins Afonso

O ódio pornográfico do 195
cidadão de bem

Rafael Baioni do Nascimento

Sodomia imperfeita e os limites da heterossexualidade na 211
história: prazeres e culpas anais na Visitação do Santo
Ofício ao Grão-Pará (1763-4)

Cássio Bruno de Araujo Rocha

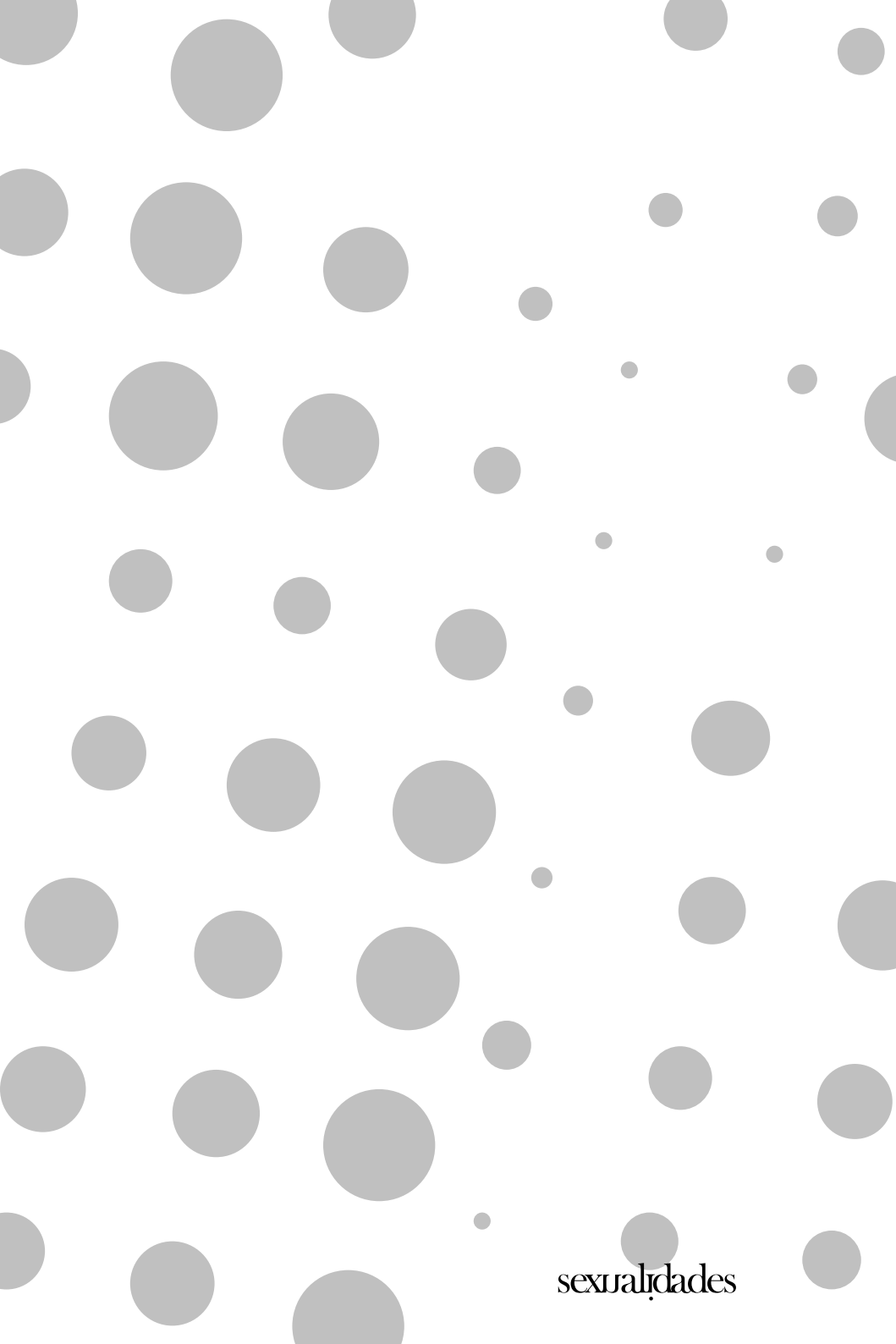
Literatura, sexualidade e subversão da identidade nacional 235
em Cuba

Jorge Luiz Ribas

Corpo, para que te quero? Modelos de masculinidades em 261
capas da revista G Magazine

*Fábio Ronaldo da Silva
Paulo Souto Maior*

Sobre xs autorxs 283



sexualidades

Apresentação

Este livro nasceu de alguns criativos e potentes encontros. O primeiro aconteceu no Seminário *Gênero e Subjetividade*, oferecido pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Montes Claros, no ano de 2016. Ali se encontraram alunxs vindxs da graduação em História, de outros cursos e de experiências estranhas à heteronormatividade ou não capturadas completamente por ela. O encontro entre essxs jovens pesquisadorxs e delxs com a teoria feminista e os estudos *queer* – à época ainda incipientes no campo da História – lhes abriu um campo de possibilidades para pensar não somente seus objetos de estudo, mas a si próprios.

Emergiram desse espaço, debates calorosos, pesquisas inovadoras e importantes reflexões; algumas delas são apresentadas aqui. A esse primeiro encontro somaram-se outros, decorrentes de cooperações diversas com pesquisadorxs de outras instituições que se juntaram à proposta de produzir reflexões que contribuam para o campo dos estudos feministas e *queer* no Brasil. Em seus estudos, de diferentes maneiras e a partir de variadas fontes, elxs interrogam as tecnologias de gênero que modelam corpos, subjetividades, comportamentos, como masculinos e femininos, e que instituem uma forma única, generalizada e normalizada, de vivenciar o prazer e a experiência sexual. O resultado desses encontros criativos e de cooperação compõe este livro, que agora vem a público com a pretensão de ser uma pequena contribuição às reflexões dos estudos feministas e *queer* que vivem um momento de grande efervescência, criatividade, produção e resistências.

Assim, o livro *Sexualidades insubmissas* reúne diferentes estudos e pesquisas sobre práticas, condutas, ideias, imagens e performances de uma legião de corpos; indivíduos constituídos como sujeitos de um sexo, um gênero, um desejo e uma sexualidade, e que interrogam o quadro binário de referências aceitas que nos constitui pelas repetições: homem-mulher, masculino-feminino, heterossexualidade-homossexualidade, natureza-tecnologia. Não serão súditos e não se submeterão. Então estabelecem, inventam, multiplicam e modulam um modo, um estilo, uma arte de vida num processo de invenção, um movimento que atravessa, torce, desloca, escapa de través e aí resiste. Borram, embaralham e desestabilizam as fronteiras do gênero e da sexualidade heteronormativa. Não são, pois, mera resistência, mas criam reexistências.

10 Partindo de reflexões singulares, problemáticas, objetos diversos, utilizando-se da epistemologia feminista e dos estudos *queer*, num intenso diálogo com conceitos e teorias publicadas desde a chamada Revolução Sexual (algumas traduzidas recentemente e publicadas no Brasil), e em interdisciplinaridade com a história, a filosofia, a literatura e as artes visuais, esses ensaios buscam pensar as formas históricas de subjetivação, bem como as formas de insubmissão e desacato às representações instituídas, as condições e estratégias de resistência nos campos de saber e jogos de verdade, nos tipos de normatividade, relações de poder e nas formas de relação consigo mesmo e com os outros. Sujeitos e documentos que são menos indícios de uma natureza que de um dispositivo histórico, social e cultural.

Aqui, como se observará, a narrativa de cada pesquisa justifica seus critérios acadêmicos, científicos e sociais sem perder uma curiosidade pelo estranho – aquela curiosidade que permite o descaminho de quem conhece, num separar-se de si mesmo.

Em *Drag king made in Brazil*, Patrícia Lessa, através de suas experiências com a criação de personagens *Drag King*, mostra como tais performances embaralham noções heteronormativas e heterossexistas de gênero, ao mesmo tempo em que problematiza identidades regionais. Conforme a autora e artista, a construção desses personagens é “uma escrita de si, à medida que a criação e a criatura fazem do corpo um veículo de onde emanam identidades transitórias”. O *drag king* é um ato performativo que embaralha os gêneros, não podendo ser reduzido ao par binário homem-mulher; e embora possa encenar algumas formas de masculinidade, ele não é uma identidade de gênero; por isso, ressalta ela, “ao flertar com a teoria *queer* torna-se um potente elemento para questionar as polaridades e a fixidez dos papéis e dos artefatos de gênero”.

Na mesma direção, Fábio Figueiredo Camargo, em *Vida de Rainha: flagrantes de corpos que importam*, adentra o documentário *Vida de Rainha*, de Luciana Avellar (2016), que aborda o trabalho de *drag queens*/transformistas nas Zonas Norte e Oeste do Rio de Janeiro. Interessa ao autor o processo de encenação e montagem dessas corpos que também borram as fronteiras binárias do gênero, os limites entre realidade e ficção, desnaturalizam identidades e apontam para a artificialidade da divisão em gêneros masculino/feminino. Fábio observa que a *drag queen*/transformista se constitui num “sujeito prostético, que tem suas próteses aumentadas pelas tecnologias de gênero” apontadas por Teresa de Lauretis; se assemelha aos *cyborgs* de Donna Haraway; e apontam ainda para a performatividade que xs sujeitxs apresentam ao encenarem suas identidades, conforme teoriza Judith Butler. Mas, atento às representações hegemônicas de gênero que constitui xs sujeitxs, elx observa que as *drag queens*/transformistas do filme/documentário não se opõem totalmente aos modelos

hegemônicos de sexualidade, mas insistem em reiterá-los, a exemplo da representação da mulher fálica, concluindo que, “se por um lado, reforçam os estereótipos de gênero, de raça e de classe, inclusive, por outro lado é irônico, desrespeitoso e deliberadamente cômico, o que apontaria para o ridículo de toda organização de gênero imposta pela sociedade heteronormativa”.

Em ***Feminilidades e masculinidades trans: narrativas de mulheres e homens alfenenses sobre dispositivos de poder e subversões subjetivas***, Marta Gouveia de Oliveira Rovai, por meio da análise de narrativas de história de vida tópica de uma mulher trans e dois homens trans de uma cidade do interior mineiro, discute a tensão entre os discursos e as práticas que procuram moldar para “legitimar” uma única forma de existência dx sujeitx, nomeado como homem ou como mulher trans, na construção de seus/suas corpos/corpas e identidades. As narrativas, ressalta a autora, “revelam trajetórias por meio de uma rede de identificações, que ora lhes nega o estatuto de pessoa, ora procura moldá-lo(a)s e defini-lo(a)s por meio de concessões que os aproxime de modelos de homens e mulheres cis”. Ao analisar a produção de subjetividade de pessoas trans, Marta também questiona modelos hegemônicos de masculinidades e feminilidades – moldados por gestos, atitudes, comportamentos e concepções de corpo e sexualidade – e a cobrança em torno das pessoas trans de certa coerência entre corpo, desejo, identidade.

Em ***Eu sou uma pessoa trans e vou me vestir de mulher: memórias, gênero e corporeidade Trans em Manaus/AM***, Michele Pires Lima analisa narrativas de mulheres trans de Manaus – Flor de Lis, Nichole e Rebecca –, a fim de entender os significados do processo de transição de gênero, os sentidos das performances sociais, destacando como o corpo e as identidades estão entrelaçados com a dinâmica da cidade. A autora historiciza os espaços de visibilidades

desses corpos e sujeitas que foram se constituindo por meio da introdução de tecnologias alternativas de produção dos corpos, como o processo de bombação, na cidade de Manaus, nos levando a acompanhar a dor de Rebecca na realização dos procedimentos. De forma muito criativa e crítica, Michele inicia o capítulo com uma matéria, publicada no jornal do Comércio em 1984, onde são reproduzidos estereótipos sobre as travestis, tratadas naquele momento como um tipo de curiosidade; ao final do capítulo, ela introduz outra matéria, publicada em 2010, mostrando as mudanças processadas entre um período e outro no que diz respeito à compreensão dos processos de transição das corpas e os direitos assegurados pelos ativismos trans para realização, de forma mais segura e via sistema público de saúde, dessa transição, hormonização e reconfiguração. A escuta sensível de Michele observa que as suas colaboradoras “reivindicaram a liberdade dos seus corpos para produzi-los conforme seus desejos, modelando-os para atender uma satisfação individual relativa ao ideal feminino que se convencionou, isto é, corpos fortes e esbeltos à brasileira”, mas, também, fizeram das suas corpas instrumentos de contestação, de resistência e de reinvenção de si.

Em *Dos dispositivos de controle da sexualidade das mulheres em Toda Nudez Será Castigada (1973)*, Fabiana Oliveira Leite e Cláudia Maia partem da compreensão do cinema como uma tecnologia de gênero, conforme a formulação de Teresa de Lauretis, e analisam o filme *Toda nudez será castigada*, adaptação da obra de Nelson Rodrigues, dirigido por Arnaldo Jabor e estrelado por Darlene Glória, em 1973. As autoras perseguem as teias discursivas do filme procurando entender como ele produz representações de mulheres articuladas aos dispositivos da sexualidade. Nessas representações, a virgindade e seu oposto, a prostituição, aparecem como sentidos principais na construção e naturalização da sexualidade e do feminino. Elas observam

e denunciam como esses sentidos, que incidiram discursivamente na composição das representações, “são úteis às sistemáticas compulsórias do gênero e hábeis em fundamentar tecnologias de controle, submissão e domínio das existências femininas”.

Em ***Sex, de Madonna: uma pequena história da epidemia de aids***, Gustavo Ramos constrói uma narrativa social e cultural sobre a primeira década da epidemia de HIV/aids nos Estados Unidos, a partir do livro de fotografias e textos eróticos *Sex*, publicado por Madonna em 1992. Gustavo coloca em série e analisa conjuntos de enunciados que produziram uma repatologização das sexualidades dissidentes, uma regulamentação e uma recriminalização do comportamento e da conduta sexual privada e, por fim, subjetividades marcadas pela morte, como efeito da modalidade do desejo homossexual. Sexo e morte, são narrados indissociáveis, num cruzamento entre campos de saber e jogos de verdade, tipos de normatividade e relações de poder, formas de relação consigo mesmo e com os outros.

Em ***Terrorismo de gênero: um plano de composição potente***, Paul Jardim Martins Afonso apresenta o plano conceitual do termo “terrorismo de gênero”. Tomado de empréstimo da ativista Linn da Quebrada, Paul apresenta os primeiros apontamentos acerca da categoria de análise criada a fim de analisar os acontecimentos históricos no recorte temporal que se localiza entre 2016 até 2018 no Brasil.

Em ***O ódio pornográfico do cidadão de bem***, Rafael Baioni do Nascimento reflete sobre possíveis transformações na economia psíquica da população mundial, operadas no atual estágio do capitalismo com a ajuda das redes sociais. A partir de Michel Foucault, Paul Preciado, Donna Haraway e Theodor Adorno, o autor interpreta o fenômeno das *fake news* e suas consequências políticas como exemplos dessas transformações – que incluem o empobrecimento da capacidade de ter experiência, a formação de subjetividades

fortemente vinculadas a estímulos momentâneos, a diminuição do senso crítico e da autonomia.

Em *Sodomia imperfeita e os limites da heterossexualidade na história: prazeres e culpas anais na Visitação do Santo Ofício ao Grão-Pará (1863-4)*, Cássio Bruno Araújo Rocha examina os processos judiciais movidos pelo Santo Ofício português, no âmbito da Visitação ao Grão-Pará, em meados do século XVIII, contra Feliciano de Lira Barros Filipe Jacob Batalha – ela sua sogra, ele seu genro – por cometerem a sodomia, em sua modalidade imperfeita, entre si. O objetivo do exame dessas fontes é questionar a pretensão à universalidade e à naturalidade da heterossexualidade, revelando-a para além de uma orientação do desejo, mas como um regime de poder e de verdade. Em ordem de pensar a heterossexualidade pelo prisma *queer*, o retorno ao Período Moderno mostrou-se a Cássio um atalho fecundo, visto que a categoria da sodomia imperfeita pode ser mobilizada para demonstrar a ocorrência de uma forma de erotismo entre seres designados, segundo os critérios da época, como de sexo-gênero diferentes, que foi perseguida, estigmatizada e disciplinada por instituições sociais de controle, no caso, a Inquisição, devido à sua dimensão anal. O que sugere que, nessa formação histórica, estavam em jogo outras relações de poder-verdade-subjetivação que aquelas hoje em vigor no dispositivo da sexualidade. O que, finalmente, traz a questão ao autor, como descrever essa experiência histórica do sexo que não é sexual?

Em *Literatura, sexualidade e subversão da identidade nacional em Cuba*, Jorge Luís Teixeira Ribas destaca a literatura como campo de subversão sexual. No contexto histórico específico da Revolução Cubana, o autor chama atenção para o nacionalismo como instância reguladora da sexualidade coletiva, conferindo à sexualidade sua condição instável e de interesse político num momento de forte

instabilidade social. Jorge demonstra como o escritor cubano Reinaldo Arenas capta as mudanças culturais de seu tempo e as transforma em literatura, disputando significados às sexualidades dissidentes e restituindo à história da Revolução Cubana os possíveis que a impulsionaram, tal como uma nação que convivesse com a diferença sexual.

Em *Corpo, para que te quero? Modelos de masculinidades em capas da revista G Magazine*, Fábio Ronaldo da Silva e Paulo Souto Maior analisam os modelos de masculinidades produzidos nas capas da revista da *G Magazine* no final dos de 1990 e ao longo dos anos 2000, sublinhado como a revista corroborou para a construção um modelo de masculinidade para o público gay. Tal modelo foi fabricado a partir da imagem preponderante de homens “bombados” que, conforme xs autorxs, com o corpo, objetos e outros signos forjam uma masculinidade em que a virilidade é potencializada, omitindo, dessa forma, a existência de outros tipos de corpos, belezas etc. Não por acaso, edições em que o ensaio fotográfico principal era com homens negros ou mais velhos, a vendagem caía, e a revista recebia reclamações dos leitores.

16 Numa época de intensos ataques aos sujeitxs e corpas que transitam neste livro e de drástica redução de financiamento público à pesquisa de maneira geral, não poderíamos deixar de registrar os agradecimentos ao CNPq, à CAPES e à FAPEMIG que apoiaram algumas das pesquisas apresentadas neste livro, e ao PPGH/Unimontes pelo apoio à publicação por meio de recursos do PROAP. Esperamos que este livro também resulte para você um potente encontro!

Cláudia Maia & Gustavo Ramos
Primavera de 2021

